

Corpo-território pandêmico: uma análise poética na produção acadêmica do curta-metragem¹

Larissa Martins Bela Fonte²
João Paulo Hergesel³

Resumo: Este artigo propõe realizar uma análise da poética do curta-metragem “Corpo-território pandêmico” (2021), produzido em percurso de criação da pesquisa de mestrado que desenvolvo sobre “Cidade e identidades”. Sendo uma produção artística realizada juntamente a uma pesquisa científica, venho questionar quais os elementos de construção da obra realizada que convergem com os conhecimentos produzidos no percurso acadêmico em questão. A partir da exploração dos conceitos trabalhados na pesquisa de perspectiva teórico-metodológica pós-colonial e focalizada sobre corpos em dissidência da heteronormatividade, realizamos uma análise da poética da obra audiovisual, com a finalidade de relacionar o processo artístico de criação de imagens como um espaço-outro de conhecimento científico.

Palavras-chave: Análise poética. Cinema. Corpo-território. Cidades. Pandemia.

1 Um corpo, um território e uma pandemia em imagens

Em minha pesquisa sobre “cidade e identidades: percursos cartográficos de um corpo-território e contra-lugares da cidade de Americana”, busco associar os processos de formação de identidades na relação com o território em que se vive, realizando um resgate da narrativa histórica da cidade de Americana, localizada no interior do estado de São Paulo. Explorando os discursos de memória e constituição de identidades coletivas da cidade, pretende-se refletir sobre as vivências de corpos e identidades dissidentes da heteronormatividade neste território, e, além disso, refletir sobre as desterritorializações das identidades, em meio ao isolamento social durante a pandemia por Covid-19, principalmente nos anos de 2020 e 2021.

Em meio a este processo, realizei uma produção audiovisual, juntamente a *ume amigue*⁴ da cidade, Íris Apoema⁵, em que projetamos partes de meu corpo fragmentado,

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho “Mídia e Cidade”, do XVII Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 2022.

² Bacharela em Imagem e Som pela UFSCar (2019), mestranda no PPG interdisciplinar em Linguagens, mídia e artes pela PUC-Campinas, bolsista CAPES I. larissabfonte@gmail.com.

³ Professor Doutor permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). joao.hergesel@puc-campinas.edu.br

preso em uma caixa de papelão, sobre monumentos institucionais da cidade, tais como a prefeitura, a biblioteca, a igreja matriz e a primeira delegacia de polícia. O vídeo foi contemplado pelo edital da Lei Aldir Blanc 2021, na categoria de vídeo para atuantes da cultura do município⁶. Partindo da premissa pós-colonial de fazer uma revisão crítica dos violentos processos coloniais de constituição da modernidade do mundo ocidental por sobre povos de diversas culturas e identidades ao redor do globo e seus desdobramentos socioculturais (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2017), encontrei no termo “corpo-território” um aporte simbólico/conceitual para trabalhar as relações entre as identidades diversas e a constituição da memória da cidade. Esta concepção “corpo-território” seria “uma epistemologia latino-americana e caribenha feita por e desde mulheres de povos originários e inclui suas posições dentro do que denomina novos olhares ecofeministas desde o Sul” (HAESBAERT, 2020, p.80). Segundo Verónica Gago (2020), em seu artigo “*A Potência Feminista ou o desejo de transformar tudo*”:

Corpo-território é um conceito político que evidencia como a exploração dos territórios comuns e comunitários (urbanos, suburbanos, camponeses e indígenas) implica violentar o corpo de cada um e o corpo coletivo por meio da espoliação. A conjunção das palavras corpo-território fala por si mesma: diz que é impossível recortar e isolar o corpo individual do corpo coletivo, o corpo humano do território e da paisagem. Corpo e território compactados como única palavra desliberaliza a noção do corpo como propriedade individual e específica uma continuidade política, produtiva e epistêmica do corpo enquanto território. O corpo se revela, assim, composição de afetos, recursos e possibilidades que não são “individuais”, mas se singularizam, porque passam pelo corpo de cada um na medida em que cada corpo nunca é só “um”, mas o é sempre com outros, e com outras forças também não humanas (GAGO, 2020, p.107).

Peço licença para apropriar-me da concepção de corpo-território para olhar para um território urbano, destacando um viés de sua colonização estadunidense por sulistas confederados⁷ ao fim do século XIII, que defendiam a permanência do regime escravista no continente e aqui se instalaram, onde criaram uma tradição em que

⁴ Uso da linguagem neutra, ainda em elaboração na língua portuguesa, mas adoto em minhas produções em referência à minha vivência e militância contra-binária e contra-colonial teórico-metodológica.

⁵ Pessoa trans não-binária, 35 anos, moradora de Americana, publicitária.

⁶ Desse modo, assistir ao vídeo, disponível em: CORPO-TERRITÓRIO PANDÊMICO, acessado em 07/06/2022, é essencial para a leitura deste trabalho.

⁷ Ver a matéria da Revista Vice. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/78ze3g/a-cidade-brasileira-onde-a-heranca-dos-confederados-norte-americanos-ainda-vive>. Acesso em 07/06/2022

festejam esta cultura, dançando sobre uma enorme bandeira confederada e reconfigurando a memória de tempos distantes dos Estados Unidos no Brasil de hoje, com trajes que remetem ao filme “E o vento levou”. Coloco em cheque as memórias em disputa (POLLAK, 1989) no embate entre a população negra da região, que reivindica a abolição do uso da bandeira confederada enquanto um símbolo racista e supremacista, ferindo a integridade desta população, além da apropriação cultural dos “ideais confederados”, num tempo e espaço outro.

Aponto que tais territórios dentro da cidade de Americana representam uma heterotopia enquanto espaços outros, ou contra-espaços, como proposto pelo filósofo homossexual Michel Foucault (1966), sendo as heterotopias lugares que querem, utopicamente, representar outros lugares, externos a si mesmos em relação a um outro, ou seja, configurando-se como a materialização de utopias localizadas. Isso ocorre, por exemplo, quando grupos colonizados desejam ser o outro, o colonizador, num espaço também diverso, ignorando, muitas vezes, sua própria realidade material, uma característica predominante no Brasil (KIFFER, 2020) e, mais especificamente, do grupo que se declara como descendentes estadunidenses na cidade de Americana, que tomo para essa discussão.

Uma das premissas da abordagem decolonial é também a localização do corpo que produz, especificamente no âmbito acadêmico, buscando “desneutralizar” o enunciador enquanto alguém não identificado, pressupondo-se neutro. Nenhuma produção acadêmica será neutra, pois quem produz possui uma identidade, um gênero, uma cor, status social, dentre outros demarcadores, que constituem seu olhar e abordagem sobre o tema pesquisado (DULCI; MALHEIROS, 2021). Desta maneira, corporifico-me na produção discursiva arte-acadêmica, a partir de um corpo privilegiado, um corpo magro e branco, apesar de muito invocar de minha ancestralidade originária colonizada, constituída a partir da branquitude colonizadora. Falo de um corpo periférico, pobre, bolsista de universidade pública na graduação, bolsista Capes no mestrado, com vivências nômade pelo território de Abya Yala⁸, de

⁸ O termo "Abya Yala" significa “Terra madura” ou “Terra em florescimento”, era utilizado por povos do norte da Colômbia em referência ao território habitado como um todo. O termo foi apropriado pela luta dos povos indígenas como sinônimo de América, usado ideologicamente como uma forma de descolonização epistêmica através da renomeação do continente.

um corpo bissexual, não-monogâmica, aborteira de gênero e mãe recém-parida, dentre outras *corpas* que sou.

Vinda do universo da comunicação visual e produções artísticas, trago comigo uma maneira de pensar e expressar visualmente sentimentos, ideias e aprendizados que gostaria de partilhar. Desta maneira, não poderia deixar de abordar o papel do audiovisual na constituição das identidades e representatividades, especialmente voltada para a busca por novas maneiras de organização social, através do pensamento decolonial. Segundo Anaz (2021, p. 138), a imagem “deve ser entendida como o resultado de um processo de mapeamento, de uma habilidade cartográfica do cérebro para manter-se informado de todas as coisas externas a ele”, desta maneira, trata-se do mapeamento que o nosso cérebro cria, “sendo a consciência a faculdade que faz o ser experimentar os mapas como imagens, manipulá-las e usar o raciocínio a partir delas” (ANAZ, 2021, p. 139). Assim, a constituição de imagens é um processo que acontece primeiramente em nosso corpo e as artes e comunicações “são tentativas dos criadores e possuidores das imagens mentais de compartilhá-las com outros sujeitos” (p. 141).

Segundo a crítica de María Lugones (2007) sobre o conceito de *colonialidade de poder* de Aníbal Quijano (2002), ao falar sobre os pilares que sustentam a relação do colonialismo na sociedade ocidental, faz-se necessário ainda um recorte sobre o sistema moderno de gênero enquanto construção colonial. Conforme citado por Juliana Tolentino sob uma perspectiva lésbica (2017), o estudo da cultura LGBTQIA+ se associa aos estudos pós-coloniais, uma vez que o patriarcado, a heterossexualidade compulsória e a normativa de gênero enquanto regime (bio)político, se dão como principais uma das bases do sistema colonial ao qual estamos submetidos há séculos.

Abordo a cultura LGBTQIA+ em função de lidar com as identidades dissidentes da heteronormatividade por se tratar de um movimento de resistência e outras formas de existência em relação ao tempo-espço de um território, seja este a cidade de Americana ou o continente em que vivemos. Por se tratar de uma cultura subalternizada, que depende da socialização, interação e ocupação de espaços para se contemplar, o extenso processo de quarentena durante uma pandemia, impactou de diversas maneiras esta população, levando em consideração recortes de classe social, gênero, raça e localização. Corpos dissidentes sempre estiveram em condições de confinamento na sociedade, a quarentena potencializou este sofrimento, sobrepondo-se ainda a um

governo federal de propostas genocidas, que incitam discursos de ódio e precarizam políticas públicas, negligenciando questões de direitos humanos no país.

Ao dissertar sobre o “coronavida”, a artista e pesquisadora Giselle Bieguelman afirma que o vírus remodelou uma nova biopolítica que

[...] transforma a vigilância em um procedimento poroso e adentra os corpos sem tocá-los. Seu motor, o mecanismo que coloca essa vigilância em funcionamento, é a administração do medo, a partir da combinação do discurso da segurança pública com o da saúde pública. Sua eficiência depende da convergência entre rastreabilidade e identidade, confluindo, em situações extremas como a do coronavírus, para uma outra hierarquia social entre os corpos imóveis e os móveis, entre quem é visível e quem é invisível perante o Estado e pelos algoritmos corporativos (BIEGUELMAN, 2020, s. p.).

Como eu me corporifico na pesquisa acadêmica, não poderia deixar de contemplar o tempo-espaço em que me situo, com o contexto e temática abordados, trazendo assim meus processos sobre a maternidade e o isolamento social nas relações com a cidade e identidade, estudados durante a pandemia por Covid-19. Propondo-me produzir coletivamente e expressar tais sentimentos de encaixotamento, ansiedade, claustrofobia e desproporcionalidade com o território, elaboramos o roteiro deste curta-metragem, o primeiro de uma série de produções de imagens no percurso da pesquisa, buscando sintetizar este espaço-tempo com o corpo-território vivenciado.

Venho neste artigo propor um outro olhar para o vídeo, em busca de relacionar os modos de produção desta obra com o estudo apreendido, a corporificação do território e a produção artística como uma forma de produção acadêmica. Para tal, faço uso da análise poética enquanto uma ferramenta de estudo da construção da obra, sintetizando sua produção e ferramentas técnicas, estéticas e conceituais. Contextualizo a produção da obra e, em seguida, dividindo o curta-metragem em três momentos, analiso suas propostas estéticas e conceituais dentro da mídia cinematográfica, de maneira que seja possível, então, relacioná-las ao embasamento teórico apresentado no percurso da pesquisa e suas propostas metodológicas decoloniais.

2 Considerações sobre estilo e poética do comum

Nos estudos sobre linguagem e narrativa audiovisual, uma das principais referências canônicas é a *Poética*, de Aristóteles. Diferenciando-se a poética - *poiétikés* - da poesia - *poiésis* - como o processo real de composição de uma obra de arte e relacionando a origem das palavras com o verbo grego *poiein*, que significa “fazer”, a poética desmembra-se na disciplina teórica de estudos da narrativa e seus processos de composição, sendo elaborada por diversos autores de variadas áreas de produção narrativa, como o teatro, a literatura e, recentemente, o cinema.

Partindo do princípio proposto por David Bordwell (1989) sobre o estudo da poética na cinematografia, a análise estilística possui uma visão do “trabalho finalizado como o resultado de um processo de construção” (BORDWELL, 1989, p. 371 apud HERGESEL, 2021, p. 128), transpassando assim o olhar apenas interpretativo da narrativa, para um olhar da composição entre as texturas de imagens e sons, significando e simbolizando as escolhas técnicas do uso das mídias cinematográficas (HERGESEL, 2021).

Bordwell (2008) descreve os elementos a serem analisados na *mise-en-scène* entre cenário, iluminação, figurino, maquiagem e atuação dos atores dentro do quadro, além dos elementos pictóricos da imagem, tais como enquadramentos, movimentos de câmera e montagem. Para o autor, o diretor que faz tais escolhas de estilo é um agente social, situando o cinema na condição de uma “atividade transcultural” (ROCHA; LOPOUBLE, 2014).

Nos estudos de Andrade e Alves (2020) sobre o cinema como “ferramenta *cosmopoética* de invenção do comum, vinculando-o à proposta crítica conduzida pela opção decolonial” (2020, p. 81), os autores apresentam o conceito de cosmopoética, emprestado do autor Marcelo Ribeiro (2016, p.4), como “formas de invenção (poiesis) do mundo como mundo comum (cosmos)⁹”. Pensando a partir da poética na narrativa audiovisual, acredita-se no cinema como “ferramenta cosmo-tecnológica”, capaz de intervir e redistribuir este mundo comum, especialmente quando “apropriado por povos não hegemônicos, grupos minoritários ou sujeitos periféricos” (ANDRADE E ALVES, 2020, p. 86).

⁹ Muito se fala sobre *cosmovisão* na perspectiva decolonial, para se referenciar a diferentes formas de epistemologias, sendo a cosmovisão uma visão em comum de determinados povos ou grupos de acordo com suas vivências, mitos e realidades. Por isso o uso do termo *cosmos* tem sido muito utilizado nas propostas latino-americanas decoloniais.

Os autores também realizam uma ligação entre a cosmopoética e a partilha do sensível, do filósofo Jacques Rancière, sendo o audiovisual uma maneira de dispor de tempo e voz de habitantes de um espaço comum com desejos em comum, utilizando-o como ferramenta estético-política de partilha. Afirmam Andrade e Alves (2020, p. 90):

Nesse sentido, podemos dizer que o cinema se configura como um espaço de uma outra realidade possível, de uma abertura para outras releituras e interpretações do mundo. [...] pode-se dizer que o cinema faz experiência por meio de uma tomada e uma devolução estético-política do mundo, transfigurando-o e perturbando, por vezes, as naturalizações do olhar, por um lado, e, por outro, transformando os regimes normativos das maneiras de ver, perceber e sentir.

A análise poética aqui proposta, visa então ver, perceber e sentir os caminhos da produção da obra de arte como ferramenta estético-política presente na relação corpo-tempo-espaço. Ver, perceber e sentir o espaço da cidade de maneira diversa, os corpos da cidade como monumentos e as vozes do momento pandêmico de corpos em dissidência que ecoam nos planos, enquadramentos, trilha sonora, cores e montagem em alinhamento.

Como se trata de uma produção autoral e em primeira pessoa, expresso, dentro desta análise, questionamentos acerca das imagens formatadas, referentes à sua composição, questionamentos e sensações provocadas, em referência às propostas teóricas-metodológicas aqui apresentadas.

3 Poéticas da obra “Corpo-território pandêmico”

3.1 Do percurso de produção da obra

Construí uma parceria de criação audiovisual com Íris há alguns anos, desde 2013, quando participei da produção de um curta-metragem que ela produzia para um trabalho de sua graduação em filosofia. Desta maneira, nossa parceria se dá de maneira muito fluida entre ideias e execuções, e já vínhamos conversando sobre propostas de produção para minha pesquisa do mestrado. Foi quando tomamos conhecimento de um edital que estava aberto no município de Americana para atuantes da área cultural, com uma categoria de produção de vídeo e tínhamos pouco mais de 24 horas para enviar uma produção - já que a vida funciona sob pressão e com incentivos, né amores?.

Como já estávamos cientes da proposta, partimos direto para a execução. Em uma tarde de domingo, fomos ao centro da cidade registrar imagens de alguns locais simbólicos da região, começando pelo prédio da Prefeitura Municipal. Depois nos deslocamos para a praça Comendador Müller, onde fica o prédio da Biblioteca Municipal; ao lado, encontra-se a Basílica de Santo Antônio de Pádua, igreja matriz da cidade, que, por sua vez, fica localizada em frente ao prédio da “1 Cia do 19º Batalhão de Polícia Militar do Interior”.

Não havia muito tempo a perder, então, nos contentamos com as imagens dos locais que já possuíamos e partimos para a gravação interna. Utilizando um tecido verde de chroma key e algumas caixas de papelão, gravamos no quintal de minha casa os planos fechados da interação do corpo fragmentado com o espaço da caixa. Foi um momento de codireção, em que Íris trabalhou as perspectivas dos enquadramentos de maneira a ambientar a caixa enquanto um espaço habitado, e eu performei as partes do corpo e intenções de sensações a serem construídas.

Reunimos os materiais, compus um pequeno roteiro de montagem e concordamos em usar o som diegético para compor a trilha sonora. Íris possui um estilo de montagem próprio e, desta maneira, finalizou a edição do vídeo na madrugada do domingo. O resultado contemplou a proposta que criamos e também fomos contempladas pelo edital, remuneradas com R\$1000,00.

3.2 Das tessituras analíticas da obra

O curta-metragem possui 4 minutos de duração e gostaria de dividi-lo aqui em três partes, sendo elas a (1) introdução e corpo - 0:00’ - 1:29’; (2) território - 1:30 - 2:59 e (3) pandemia - 2:50’ - 4:00’. O curta possui uma pequena introdução, com a cena de uma rua movimentada de carros, com fundo de uma igreja em *contra-plongée*, a Basílica Santo Antônio de Pádua, igreja matriz da cidade de Americana. A pacata cena é então surpreendida pela queda de um braço em tamanho desproporcional no meio desta rua. Nota-se a proposta de uso do *chroma-key* e do som diegético. Em seguida, entra a tela com as logomarcas institucionais obrigatórias pelo edital da Lei Aldir Blanc.

A imagem de um braço gigante, caindo sem vida ao lado de um monumento da dimensão de uma basílica sob esta perspectiva de enquadramento, colocando corpo e instituição em proporções próximas, me desperta sensibilidades sobre o poder da igreja

católica no regimento e constituição dos territórios latino-americanos e algo sobre a morte de diferentes crenças, corpos e cosmovisões em sincretismo globalizado. A paleta de cores se complementa, com tonalidades semelhantes entre a igreja e o braço caído, dessacralizando vestígios de pureza colorista.

Figura 1: Captura de tela da introdução do curta-metragem



Fonte: Autoria própria.

A primeira parte, além da introdução, é composta por um corpo fragmentado percorrendo o espaço de uma caixa de papelão. A câmera na mão acompanha os movimentos das partes do corpo pelo ambiente, sempre em plano fechado, aproximando-se e distanciando-se, não abrindo perspectivas de outro ambiente. Nota-se o fundo da cena com reflexos verdes, do *chroma-key*, adotando assim uma estética tecnicamente mais crua. O som é evidenciado pelo barulho diegético do atrito entre corpo e caixa de papelão, barulhos de madeira e respirações ofegantes.

Figura 2: Captura de tela da primeira parte do curta-metragem



Fonte: Autoria própria.

Interessante notar que os membros do corpo - mãos, braços, ombro -, percorrendo a caixa de papelão, formam quase que uma textura única com as tonalidades próximas, enquanto um intervém no outro, quando a mão tenta rasgar o papelão e o papelão range com o atrito dos corpos, formando este som em evidência - o que, particularmente, me causa gesturas. A respiração ofegante e os movimentos dos membros dão a entender uma busca por se encaixar, ou escapar, da estrutura de papelão.

O corpo fragmentado se torna um corpo indefinido. Não possui gênero, não possui tamanho, nem cor. Não possui sexualidade, nem classe social, nem nacionalidade, não possui personalidade, expressão. É um corpo confinado. Fragmentado e confinado.

A segunda parte inicia com o som de um veículo se aproximando, quando a cena corta para um ônibus passando em frente a um prédio institucional. É o prédio da Prefeitura Municipal de Americana em plano aberto, quando vêm subindo, diante da câmera, a borda de uma caixa. Nesse momento, o ambiente se esvai novamente para dentro desta, revelando, então, uma mão manuseando um celular em plano bem fechado. Percebe-se que a mão está rolando a *timeline* de alguma rede social.

Localizamos algo. Esta caixa está em algum lugar. Para quem conhece a cidade, sabe bem onde está. Para quem não conhece a cidade, está em algum prédio institucional de alguma cidade em qualquer lugar do mundo. Sabe-se que a caixa está lá e o corpo está na caixa. O que faz uma caixa com um corpo confinado em frente a um prédio municipal? O que o prédio faz com a caixa e o corpo que nela vive confinado? Estaria este prédio controlando a caixa ou o corpo? Questionamentos imagéticos que esta localização pode nos trazer nesse curto momento de revelação.

Corta-se para uma cena de pés deitados na caixa, que se batem contra esta, e uma mão que coça uma perna, em sinal de ansiedade. No próximo corte é revelada uma imagem em plano aberto da igreja da primeira cena, por outro ângulo, o qual revela um prédio com cores institucionais da polícia militar do estado. Interessante notar como as linhas de fuga entre a igreja e a delegacia se unem, formando uma unicidade entre os monumentos. Qual é a prisão, qual é a redenção?

Figura 3: Captura de tela da segunda parte do curta-metragem



Fonte: A autoria própria.

Em seguida, se repetem as cenas dos pés e do celular e depois a montagem corta para outra imagem externa: um grande prédio clássico de arquitetura colonial, com uma caixa de papelão em primeiro plano. Também em contra-plongée, a caixa toma uma dimensão enorme em tela, figurando quase as mesmas proporções do prédio. O prédio é a Biblioteca Municipal de Americana, localizada na praça central da cidade. A caixa está em todos os lugares. E o corpo permanece dentro dela.

Figura 4: Captura de tela da segunda parte do curta-metragem



Fonte: A autoria própria.

Trabalhando entre cortes secos, transições de colagem e telas pretas, a montagem volta para a caixa, corta-se para o plano de uma árvore, de onde a câmera realiza um movimento de descida até os pés tensionados ao fundo da caixa. Transitando entre mãos e pés em movimentos repetitivos, o som dos dedos batendo no papelão vai tomando conta da trilha sonora, finalizando com uma tela preta mais longa.

Iniciando a terceira parte, a mão enfim rasga uma parte do papelão, revelando em sua abertura a imagem da biblioteca, dando-nos a entender que esta caixa possa realmente estar situada no meio daquela praça. A respiração ofegante e a montagem se aceleram, entre sons da caixa e imagens do corpo fragmentado se movimentando, mexendo no celular e se debatendo dentro desta. Isso acontece até o plano de dentro da caixa, onde é possível ver sua borda e as mãos fazendo o movimento de fechar estas bordas da caixa. Teria esse corpo saído da caixa? Ou é uma pessoa externa fechando suas bordas e visão superior? Ao fechar a caixa, uma árvore cai.

Figura 5: Captura de tela da terceira parte do curta-metragem



Fonte: Autoria própria.

Ao fechar as bordas da caixa, ouve-se um barulho de madeira rangendo, como uma árvore despencando em tela preta. Corta para o som da árvore sendo arrastada, com a imagem do braço despencado na imagem inicial, em frente à igreja, sendo, por sua vez, arrastado em sincronia com o som da árvore, revelando que a árvore é o braço do corpo fragmentado, arrastado para desobstruir a rua, até que um carro passa, normatizando a cena e finalizando o curta-metragem. Qual corpo está morto?

4 Considerações

Territorializando os corpos, a caixa e a cidade enquanto um só tempo-espço, a pandemia acentuou as situações de isolamento de corpos diversos na relação da(s) cidade(s). Há tempos não acessamos a institucionalidade da cidade, há tempos nos isolamos entre os nossos em busca de alguma coletividade. O Brasil é o país que mais mata pessoas trans e sexodissidentes no mundo. O Brasil foi o quinto país com mais

mortes por Covid-19 por negligência de políticas públicas. Não são dados aleatórios, são corpos fragmentados e encaixotados, como bem vemos no curta-metragem.

A cidade de Americana é, majoritariamente, uma cidade segregacionista, que vangloria seu passado colonial, por italianos, alemães e estadunidenses confederados, que apaga os vestígios do regime escravocrata e das influências da população negra e do território indígena que já foi, subalternizando suas existências. Nas eleições de 2018, mais de 64% dos votos foram para o atual presidente no primeiro turno, e mais de 78% dos votos na cidade no segundo turno (Portal G1, 2018). Não que estes apontamentos sejam de exclusividade desta mediana cidade no interior paulista, o que agrava ainda mais a realidade de nossa sociedade, é que este contexto é reproduzido em diversos níveis pelas cidades, estados e países de nosso continente, como exímias projeções locais de projetos globais, parafraseando Walter Mignolo (2017).

O curta-metragem faz questionar: qual pandemia é essa? Ele não representa de nenhuma maneira um vírus ou ligação com a área da saúde, no entanto, apresenta o contexto de isolamento diante de um território urbano. Um corpo, que pode ser qualquer corpo, encaixotado, vagando por lugares-monumentos de uma cidade qualquer. Isolado. Dissidente - do ambiente. Gerando angústia, ansiedade, apreensão por seu condicionamento. O único momento de fuga é a tela de um celular, em que rola incessantemente por conteúdos superficiais. A quanto tempo este corpo está isolado?

Tendo em vista que o audiovisual exerce sua função estético-política nas suas mais diversas formas de representação, gostaria de resgatar aqui uma citação acima mencionada sobre a constituição de imagens enquanto mapas mentais, cartografias do cérebro, em que o autor fala que a constituição de imagens e expressões artísticas acontece primeiramente em nosso corpo. A constituição do curta-metragem “corpo-território pandêmico”, para mim, representa o mapeamento dos assuntos abordados na pesquisa sobre “cidade e identidade” e também, uma cartografia dos isolamentos da cidade, de suas heterotopias, de suas caixas e encaixotamentos de corpos no contexto urbano.

Em sua função estético-política conectada ao conceito de partilha do sensível, a obra torna-se uma cosmo-ferramenta que dispõe de tempo e voz de habitantes em comum desejo de expressar-se de maneira sensível. Ao relacionar a queda do corpo fragmentado com a queda de uma árvore, crio referências com nossa (des)conexão com

a natureza, que é o corpo da terra, que cada corpo é uma vida e que o território está intrinsecamente relacionado aos corpos que o habitam para tornar-se um lugar. E para tal, os corpos precisam habitar o espaço, entre o isolamento e a queda. Criar espaços-outras de coexistências e re-existências.

Gestamos esta obra audiovisual enquanto um espaço-outro pela partilha de um comum, pela expressão dos conceitos apreendidos e também pela vivência coletiva habitada na/pela cidade de corpos em dissidência da heteronormatividade de branquitude patriarcal dominante. É sobre esta cosmopoética, em um fazer corporificado na potência da ferramenta cinematográfica e acadêmica, que baseio a criação e expressão dentro da pesquisa, ao produzir coletivamente, questionando os discursos dominantes, olhando para o território enquanto algo pertencente, mapeando e criando heterotopias da dissidência.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Sousa. 2. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1990. Série Universitária. Clássicos de Filosofia.

BEIGUELMAN, Giselle. A pandemia das imagens: retóricas visuais e biopolíticas do mundo covídico. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. 2020, v. 23, n. 3. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p549.7>. Acesso em: 07 jun. 2022.

BORDWELL, David. **Sobre a história do estilo cinematográfico**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

CAVASSANI, Maria Fernanda; SILVA, Mirian Cristina Carlos. O feminino no filme bicho de sete cabeças, de laís bodanzky. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 111-124, jul./dez. 2021.

<http://dx.doi.org/10.5935/2177-5672/trama.v12n2p111-124>

DULCI, Tereza Maria Spyer e MALHEIROS, Mariana Rocha. Um giro decolonial à metodologia científica: Apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a América Latina. **Revista Espirales**, Foz do Iguaçu, p. 174-193, 2021.

FONTES, Giovanna Soares. Corpo-Território: a luta anti-extrativista das mulheres latino-americanas. **Observatório Feminista De Relações Internacionais**, 2021. Disponível em: <https://ofri.com.br/corpo-territorio-a-luta-anti-extrativista-das-mulheres-latino-americanas/>

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. São Paulo: Edições n-1, 2013.

GAGO, Verónica. **A Potência Feminista ou o desejo de transformar tudo**. Editora Elefante, 2020.

HAESBAERT, R. DO CORPO-TERRITÓRIO AO TERRITÓRIO-CORPO (DA TERRA): CONTRIBUIÇÕES DECOLONIAIS. **GEOgraphia**, v. 22, n. 48, 16 jun. 2020.

HERGESEL, João Paulo; FERRARAZ, Rogerio. Narrativa e estilo na telenovela infantojuvenil brasileira contemporânea: por uma telepoética de as aventuras de poliana (sbt). **Revista Culturas Midiáticas**. V. 14 - jAN-dez/2021 - ISSN 2763-9398
DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2021v14n.59030>

HERGESEL, João Paulo; SILVA, Miriam Cristina Carlos, PICHIGUELLI, Isabella. Ficção seriada infantojuvenil e religião: questões sobre discurso e narrativa na websérie -10 | a vida não é um jogo. **Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v.10, nº1, edição de Julho de 2021

KIFFER, Ana. **O Brasil é uma heterotopia**. São Paulo: N1 Edições, 2020

LUGONES, María. (2007), “Heterosexualism and the Colonial/Modern Gender System”, **Hypatia**, 22, 1: p. 186-209.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais obscuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 32, N. 94, São Paulo. Jun. 2017, p. 1-17.

NASCIMENTO, Elaine; SANTOS, Rodrigo Gonçalves dos. Corpo-Espaço Cidade-Corpo: Possibilidades de urbanografias na cidade habitada. **Revista PIXO**, Pelotas - RS. 2017

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. IN: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

PRECIADO, Paul B.. **Multidões queer**: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(1): 11-20, janeiro-abril/2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina, in E. Lander (org.), **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas, 2005, Argentina, Colección Sur-Sur, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, CLACSO. Disponível em http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf

ROCHA, Simone Maria., & LAPOUBLE, Cláudia Regina Adrianzen.. A Metodologia de análise estilística: tessituras possíveis entre estilo e identidade no filme *Nostálgia de la luz*. **E-Compós**, 17(1), 2014. <https://doi.org/10.30962/ec.1041>

_____. Eleições 2018: Mapa de apuração no Brasil. Portal G1, 2018. Disponível em <http://especiais.g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/mapa-da-apuracao-no-brasil-presidente/2-turno/>
Acesso em 20/07/22